



II Simpósio Internacional

de Ourivesaria,
Joalheria e Design

Análise dos aspectos simbólicos presentes na joalheria da 18ª Dinastia egípcia em relação ao reinado de Akhenaton

Analysis of the symbolic aspects present in the jewelry of the 18th Egyptian Dynasty in relation to the Akhenaton reign

LUCIO BERREHIL EL KATTEL, Cristina do Carmo; Doutora; Universidade Estadual de Maringá
cclucio@uem.br

SORIAN, Andressa Eduarda; Bacharel em Design
andressa98.e.s@hotmail.com

Palavras chave: joalheria egípcia; Akhenaton; 18ª Dinastia Egípcia; influência monoteísta.

A presente pesquisa abordou os aspectos simbólicos da joalheria egípcia da 18ª Dinastia, analisando as mudanças relacionadas ao reinado do faraó Akhenaton. Para tanto, foram realizados estudos sobre a política e mudanças religiosas ocorridas no período, com comparação dos ornamentos utilizados antes, durante e após seu reinado, a fim de entender como as mudanças político-religiosas impostas pelo faraó afetaram a simbologia, forma e uso das peças da joalheria egípcia. O método utilizado foi o descritivo, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Durante o reinado de Akhenaton, o Egito conheceu pela primeira vez o monoteísmo. As mudanças impostas durante a chamada Reforma Amarniana pelo novo faraó afetaram não só a esfera político-social do país, mas também aspectos culturais; é possível observar mudanças em relação ao estilo utilizado e temas retratados. Na joalheria, as mudanças parecem ter sido semelhantes; os temas passaram a ser apenas relacionados ao faraó e a Aton, ou ao sol e à natureza. Observou-se diminuição no uso de joias e mesmo as utilizadas possuíam aspectos mais simples que as de outros períodos, que pode ser relacionado à característica monoteísta.

Keywords: egyptian jewelry; Akhenaton; 18th Egyptian Dynasty; monotheistic influence.

The present research addressed the symbolic aspects of Egyptian jewelry from 18th Dynasty, analyzing the changes related to the reign of Pharaoh Akhenaton. To this aim, studies were carried out about politics and religious changes that occurred in the period, comparing the ornaments used before, during and after his reign, in order to understand how the political-religious changes imposed by Pharaoh affected the symbolism, form and use of pieces in the Egyptian jewelry. The method used was descriptive, through bibliographic, documentary and field research. During Akhenaton's reign, Egypt first experienced monotheism. The changes imposed during the so-called Amarnian Reformation by the new pharaoh affected not only the country's political-social sphere, but also cultural aspects; it is possible to observe the changes in relation to style used and themes portrayed. In the jewelry, the changes appear to have been similar; the themes became only related to Pharaoh and Aton, or to the sun and nature. There was a decrease in the use of jewelry and even the ones used had simpler aspects than those from other periods, which can be related to the monotheistic characteristic.

1 Introdução

O reinado de Amenhotep IV durou de 1377 a 1360 a.C., segundo Redford (1984), e neste período o faraó impôs o monoteísmo pela primeira e única vez na história do Egito Antigo. Pouco tempo após assumir o trono, mudou seu nome para Akhenaton (“aquele que adora Aton”) e assumiu o posto de sumo sacerdote de Heliópolis. Para impor seu novo ideal, Akhenaton retira do clero o poder de gestão de bens importantes, que passam a pertencer à coroa e impõe o culto a um único deus, Aton (Jacq, 1999).

Akhenaton toma a decisão de criar uma nova capital – Akhetaton, “cidade de Aton”, também conhecida como Tell el-Amarna ou Amarna – em um local onde não há o culto a um deus já estabelecido, para que o novo ideal monoteísta pudesse se instaurar. Durante seu reinado, Akhenaton suprimiu os cultos a outros deuses, impondo o monoteísmo aos seus súditos (Jacq, 1999; Planeta de Agostini, 2006).

Por meio da observação das peças produzidas pelos egípcios, desde o período pré-dinástico, é possível perceber grandes habilidades no manuseio e produção de ornamentos em metais e gemas. Durante o Médio Império, as peças alcançaram um grande nível de qualidade, chegando ao seu apogeu no Novo Império. Os amuletos e peças de joalheria eram muito utilizados, sem restrição de gênero.

Esses adornos geralmente possuíam símbolos repletos de significados, sempre ligados às crenças locais, e eram utilizados para trazer proteção aos seus usuários. O escaravelho (figura 1) era um símbolo comumente representado na joalheria egípcia e pode ser encontrado em diversas peças, de diversos materiais.

Figura 1 - Escaravelho como símbolo decorativo comum no Antigo Egito



Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. Fonte: Pedrosa (2009)

De todas as mudanças impostas pelo faraó, a mais impactante foi a mudança na religião, de politeísta para monoteísta, tendo Aton como único deus. A figura 2 apresenta Akhenaton com sua esposa Nefertiti e três de suas seis filhas sob os raios solares do deus Aton, representado no centro da cena por sua importância.

Figura 2 - Nefertiti e Akhenaton com três filhas sob os raios solares do deus Aton



Local: *Egyptian Museum Berlin*. Fonte: BBC (2017).

Essa mudança tão radical, para um povo que vinha praticando o politeísmo por tantos séculos, causou estranhamentos e diversas mudanças na vida cotidiana, se refletindo em diversos aspectos, como a arte, onde, segundo Hessler (2018), os artesãos passaram a ter maior liberdade na forma de representar as figuras. Considerando que a maioria dos ornamentos utilizados pelos egípcios possuía grandes significados, e até mesmo funções religiosas, é importante conhecer as possíveis mudanças ocorridas com a alteração do regime religioso.

Desse modo, o objetivo deste estudo é apresentar as diferenças simbólicas dos adornos da 18ª Dinastia em decorrência do reinado de Akhenaton, por meio da comparação das peças utilizadas no período anterior e posterior, de modo a apontar se seu posicionamento monoteísta influenciou o detalhamento formal dos ornamentos utilizados.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, onde foi realizado levantamento documental e bibliográfico para verificação de estudos já realizados nesta área.

Além da literatura e documentos, foram realizados contatos com museus e especialistas em egiptologia, como a professora doutora Liliane Cristina Coelho, a arqueóloga Márcia Jamille e o egiptólogo Ronaldo G. Gurgel Pereira.

Devido à inconsistência e intermináveis discussões acerca das datas dos reinados, e considerando que não há grande relevância para a análise pretendida, optou-se pelas indicações de Donald Redford e Kenneth A. Kitchen.

3 Contextualização Histórica

A fim de analisar a reforma religiosa imposta por Akhenaton e seus impactos, é necessário que se faça breve contextualização histórica.

Breve História do Egito Antigo

O Antigo Egito foi uma civilização situada ao norte da África e teve início por volta de 3.000 a.C. Sua história é dividida em três grandes períodos, Império Antigo, Médio e Novo, separados por períodos de instabilidade política, conhecidos como intermediários. O episódio a ser estudado ocorreu durante a 18ª Dinastia, pertencente ao Império Novo. As tabelas a seguir apresentam um panorama geral do período dinástico do Antigo Egito e os representantes da 18ª Dinastia.

Tabela 1: Linha Cronológica Dinástica do Egito Antigo

Período	Data	Dinastia
<i>Período Arcaico</i>	3000-2840 a.C.	1ª Dinastia
	2840-2700 a.C.	2ª Dinastia
IMPÉRIO ANTIGO	2700-2600 a.C.	3ª Dinastia
	2600-2500 a.C.	4ª Dinastia
	2500-2350 a.C.	5ª Dinastia
	2350-2190 a.C.	6ª Dinastia
	2190-2160 a.C.	7ª e 8ª Dinastias
	2160-2106 a.C.	9ª Dinastia
1º Período Intermediário	2106-2010 a.C.	10ª Dinastia
	2106-1963 a.C.	11ª Dinastia
IMPÉRIO MÉDIO	1963-1789 a.C.	12ª Dinastia
	1786-1633 a.C.	13ª Dinastia
2º Período Intermediário	1786-1602 a.C.	14ª Dinastia
	1648-1540 a.C.	15ª Dinastia
	Século 17 a.C.	16ª Dinastia
	1633-1569 a.C.	17ª Dinastia (Tebas)
IMPÉRIO NOVO	1569-1318 a.C.	18ª Dinastia

	1318-1186 a.C.	19ª Dinastia
	1186-1069 a.C.	20ª Dinastia
3º Período Intermediário <i>Período Tardio I</i>	1069-945 a.C.	21ª Dinastia
	945-715 a.C.	22ª Dinastia (Líbia)
	818-715 a.C.	23ª Dinastia (Líbia)
	727-715 a.C.	24ª Dinastia (Líbia)
	780-656 a.C.	25ª Dinastia (Reino de Cuxe – atual Sudão)
<i>Período Tardio II</i>	664-525 a.C.	26ª Dinastia
	525-404 a.C.	27ª Dinastia (Império Persa)
	404-399 a.C.	28ª Dinastia
	399-380 a.C.	29ª Dinastia
	380-343 a.C.	30ª Dinastia
	343-332 a.C.	31ª Dinastia (Império Persa)

Cronologia geral baseada em Kitchen (1991).

Tabela 2: Representantes da 18ª Dinastia Egípcia

Período	Data	Representantes
Império Novo	1569-1545 a.C.	Ahmose I e Nefertari
	1545-1525 a.C.	Amenhotep I
	1525-1514 a.C.	Tutmés I
	1514-1504 a.C.	Tutmés II
	1504-1451 a.C.	Tutmés III e Hatshepsut (1502-1483 a.C.)
	1453-1426 a.C.	Amenhotep II
	1426-1416 a.C.	Tutmés IV
	1416-1377 a.C.	Amenhotep III
	1377-1360 a.C.	Amenhotep IV (Akhenaton)
	1360-1360 a.C.	Smenkhkare
	1360-1350 a.C.	Tutankaten (Tutankhamun)
	1350-1347 a.C.	Ay
	1347-1318 a.C.	Horemheb

Cronologia da 18ª Dinastia baseada em Redford (1984).

O antecessor: Amenhotep III

Durante o reinado de Amenhotep III, pai de Akhenaton, o Egito viveu uma era de grandes conquistas, e os tributos pagos pelos povos conquistados tornaram Tebas uma abastada capital (Jacq, 1999; Sagredo, 2013). Nessa época, Amon, considerado um dos deuses mais antigos do Egito, e criador do mundo, foi adquirindo cada vez mais importância, sendo visto como responsável pelas grandes conquistas do período, tornando-se a principal divindade adorada entre um vasto panteão (Sampaio, 2018; Fronza, 2013).

Como as grandes conquistas deste período foram associadas a Amon, as riquezas trazidas pelas guerras e tributos arrecadados passaram aos sacerdotes de Amon, tornando o cargo de Sumo-Sacerdócio um dos mais prestigiados no Egito (Sampaio, 2018). O crescimento do poder nas mãos do clero passou a representar uma ameaça até mesmo à figura do Faraó, pois o clero tebano passou a influenciar não só no âmbito espiritual, mas também em questões econômicas e políticas (Sampaio, 2018; Sagredo, 2013). A grande influência do clero estava se tornando um problema crescente que viria a tomar proporções muito maiores, sendo muitas vezes atribuída a reforma de Akhenaton.

Amenhotep IV: Akhenaton

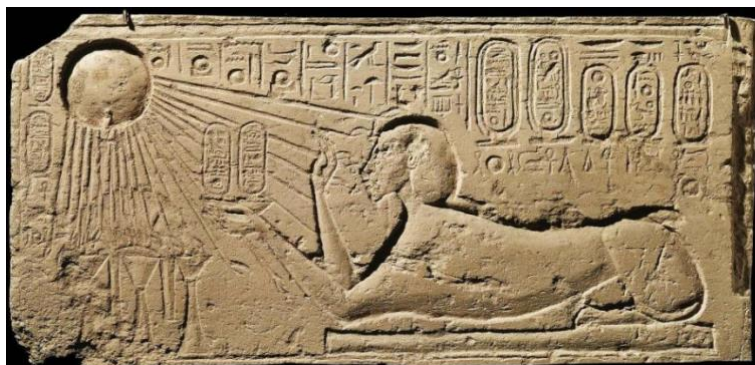
Primeiramente é importante dizer que Amenhotep é seu nome na língua do Egito Antigo, mas é comum também encontrar a versão grega Amenófis. Para este trabalho, optou-se por utilizar a forma original. Este subcapítulo encontra-se dividido em duas fases para melhor compreensão, sendo a primeira sobre os primeiros anos no reinado de Akhenaton e a segunda referente aos anos posteriores ao festival *heb-sed*.

Primeira fase do reinado

Akhenaton assumiu seu reinado ainda com o seu antigo nome, Amenhotep IV (Jacq, 1999). Aqui encontramos algumas divergências sobre como o faraó assumiu o trono. Para Redford

(1984), Amenhotep IV foi coroado após a morte de seu pai. Já para Christian Jacq (2002), existem provas que indicam um período de co-regência entre pai e filho, que poderia ter durado de 9 a 12 anos. No início do novo reinado, o deus Aton, representado por um disco solar (figura 3), ganhava cada vez mais importância.

Figura 3 - Akhenaton como esfinge fazendo oferenda ao deus sol Aton



Local: Museu de Belas Artes de Boston. Fonte: MFA (1964).

Segunda Fase do Reinado

A segunda fase do reinado de Amenhotep IV tem início por volta do quinto ano de sua regência, quando foi realizado o *festival heb-sed*, em que apenas Aton foi homenageado, mas apesar da presença de Hórus e Anúbis. A partir deste momento, Aton foi elevado a deus dinástico e Amon suprimido, sendo criado um novo conceito de religião, posteriormente chamada de “atoniana” (Sampaio, 2018). Nesta mesma época, e possivelmente durante o *heb-sed*, Amenhotep IV muda seu nome para Akhenaton, que significa “espírito eficaz de Aton” (Jacq, 1999).

Por volta do sexto ano de seu reinado, Akhenaton decide fundar uma nova cidade para onde a capital seria transferida: Akhetaton, “o horizonte de Aton”, hoje chamada de Tell el-Amarna ou somente Amarna. O culto a outras divindades foi proibida, principalmente ao deus Amon de Tebas. Durante esse período, templos dedicados a outros deuses foram fechados, imagens destruídas e foi ordenado que o nome de outros deuses fossem apagados dos monumentos (Fronza, 2013; Sagredo, 2013).

O Sucessor: Tutankhamon

Nascido com o nome de Tutankhaton, o novo Faraó passou a infância em Amarna, sob a religião atoniana, mais tarde mudando seu nome para Tutankhamon (Figura 7). Essa mudança indica um retorno à antiga religião de Amon (Carter; Mace, 2004 apud Fronza, 2013). Seu reinado durou cerca de 10 anos, mas foi durante este período que o Egito voltou às suas antigas tradições, restaurando o culto a Amon e aos antigos deuses (Fronza, 2013).

4 A arte egípcia

Para que se possa entender aspectos da joalheria egípcia e como a reforma de Akhenaton pode ter afetado estes objetos, é necessário entender a arte egípcia em seus diversos aspectos. Os artistas eram na verdade artesãos (Chapot, 2015), que geralmente não trabalhavam estilos próprios e individuais, mas seguindo regras e ordens.

A arte no Egito era repleta de valores simbólicos e com funções ritualísticas de caráter espiritual (Chapot, 2015). Este capítulo é dividido em arte canônica, caracterizada por seguir normas ou padrões convencionados (cânones), e arte amarniana, que é o estilo adotado no período de Amarna, relativo ao reinado de Akhenaton.

A arte canônica

Na arte canônica existia um sistema de decoro, que estabelecia o que poderia ou não ser representado nas obras (Chapot, 2015). Assuntos pessoais ou relacionados a perturbação da ordem eram banidos do cenário oficial.

A arte estava sempre associada às crenças religiosas, possuindo sempre finalidade ritualística. Para eternizar e manter os seres em um mundo atemporal, os mesmos eram representados de forma rígida, como se congelados no espaço e no tempo (Chapot, 2015). Os artistas retratavam as coisas como acreditavam que fossem, evitando distorções, o que explica a falta de perspectiva nas representações (Chapot, 2015).

Ao retratar uma cena com objetos em planos diferentes, estes eram deslocados para o lado ou para cima (figura 4), desta forma não apresentavam perspectiva, mas possibilitavam visão detalhada de todos os elementos da cena (Chapot, 2015).

Figura 4 - Pintura sem sobreposição de objetos



Local: Museu Britânico de Londres. Fonte: Ancient Egypt (2017).

A utilização de objetos sobrepostos ocorreu apenas durante a reforma amarniana, onde era possível observar cenas que apresentavam uma sensação de profundidade. Como é o caso deste relevo (figura 5) onde aparece a mão de Akhenaton segurando um ramo de oliveira sobreposto aos raios do disco solar de Aton, permitindo enxergar certa perspectiva na imagem (Chapot, 2015).

Figura 5 - Relevo da arte amarniana



Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. Fonte: The Met (1981).

A arte amarniana

Akhenaton valorizava a verdade e sinceridade, instruindo os artesãos a representarem a família real da forma como ela era, com seus defeitos físicos, contestando a antiga norma que concedia ao faraó beleza em sua representação (Lamb, 2008). Entretanto, não se sabe ao certo como eram de fato Akhenaton e sua esposa Nefertiti, pois suas feições físicas divergem.

Em representações anteriores, que se encontram no Museu do Cairo, datadas dos primeiros anos de seu reinado, Akhenaton era representado como um rei comum (figura 6 à esquerda), de acordo com as tradições artísticas anteriores (Sampaio, 2008; Lamb, 2008).

Figura 6. Akhenaton e Nefertiti em representações diferentes



Fonte: Akhenaton, à esquerda, atualmente no Museu Egípcio do Cairo (Lopes, 2007); Nefertiti, ao centro, no *Egyptian Museum Berlin* (Egyptian Museum Berlin, 1912); e o casal, à direita, no Museu do Louvre em Paris (BBC, 2017).

Após a reforma, deformidades e aspectos andróginos se tornaram comuns (figura 7), não somente ao faraó, mas também de sua família e funcionários de alto cargo (Lamb, 2008).

Figura 7 - Akhenaton no estilo amarniano



Atualmente no Museu Egípcio do Cairo. Fonte da imagem: BBC, (2017).

Para Cristian Jacq (2002), as deformidades presentes na arte foram propositais. A hipótese mais aceitável é que as representações distorcidas do rei possuíam caráter religioso. O deus Aton é “pai-e-mãe” da humanidade, portanto possui aspectos femininos e masculinos. Porém estes não podem ser representados através do disco solar, cabendo à figura do faraó, filho e representante do deus na terra, expressar por meio de sua aparência assexualizada a essência do deus solar (Sampaio, 2008; Jacq, 2002).

O estilo amarniano passou a representar também cenas íntimas da família real, algo que antes não era aceito (Lamb, 2008). Segundo Jacq (2002), Akhenaton aparentemente apreciava ser representado em cenas íntimas (figura 8), como nas representações onde é mostrado em um momento de demonstração de afeto com a rainha e suas filhas. Há várias cenas semelhantes, como já apresentado na figura 2.

Figura 8 - Akhenaton em um banquete com sua família



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: BBC (2017).

A arte amarniana é única dentro da cultura artística do Egito por possuir novos temas, não seguir os antigos cânones e assim trazer novos significados estéticos (Lamb, 2008).

5 SIMBOLOGIA

A mensagem simbólica encontra-se presente em todas as composições artísticas do antigo Egito e, segundo sugere Wilkinson (1994), poderia ser transmitido através de nove aspectos simbólicos: 1. formas; 2. tamanhos; 3. local escolhido para representação; 4. material empregado; 5. cor; 6. hieróglifos; 7. números; 8. gestos; e 9. ações.

Formas, tamanhos e locais

O simbolismo pode ser expresso através da forma de duas maneiras: associação primária ou secundária (Wilkinson, 1994). Na primária, a correlação é feita de maneira direta, como o amuleto em forma de pilar (figura 9), associado à sustentação e estabilidade, ao Mundo Inferior e utilizado no fundo dos caixões ou colocado junto à múmia (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015).

Figura 9 - Pilar em faiança



Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. Fonte: The Met (1926c).

Já na associação secundária, a forma expressa um significado próprio, como era o caso dos búzios, utilizados em amuletos por mulheres da realeza, simbolizando a fertilidade e a sexualidade devido ao seu formato semelhante à genitália feminina (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015).

O tamanho das representações das figuras no antigo Egito é outra forma de expressão simbólica; as diferenças de tamanho não representavam a realidade, mas sim aspectos de importância, diferenças de posição social e hierárquica (Wilkinson, 1994). Sendo assim, o faraó era sempre representado maior que seus súditos e que sua família (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015).

A igualdade de tamanho também era uma forma de expressão simbólica, neste caso a igualdade poderia ser representada através da “isocefalia” ou da “igualdade de escala” (Wilkinson, 1994).

Na “isocefalia”, a igualdade era representada com as cabeças das figuras na mesma altura (figura 10), indicando igualdade entre os indivíduos, mas mantendo a diferença hierárquica. Desta forma, o ser de menor importância não olharia para baixo diante dos mais importantes (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015).

Figura 10 - Akhenaton e Nefertiti em isocefalia



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: BBC (2017).

Materiais, cores e números

Os materiais utilizados na confecção das peças eram considerados pelos egípcios como a substância do objeto e por isso possuem grande significado simbólico. Materiais mais duráveis, como metais e pedras, eram de maior importância, entretanto materiais como cera, argila e água eram indispensáveis e essenciais nas representações relacionadas ao culto divino (Chapot, 2015).

O ouro era muito utilizado por estar relacionado ao sol, a “carne de Ra” e aos deuses dele originados, portanto considerado “divino e imperecível” (Chapot, 2015). A prata, material mais raro no Egito, era associado a lua e aos deuses lunares, além de ser tido como material constituinte dos ossos das divindades (Wilkinson, 1994). Outros metais muito utilizados em amuletos eram o ferro e o chumbo, de simbolismo cósmico (Wilkinson, 1994).

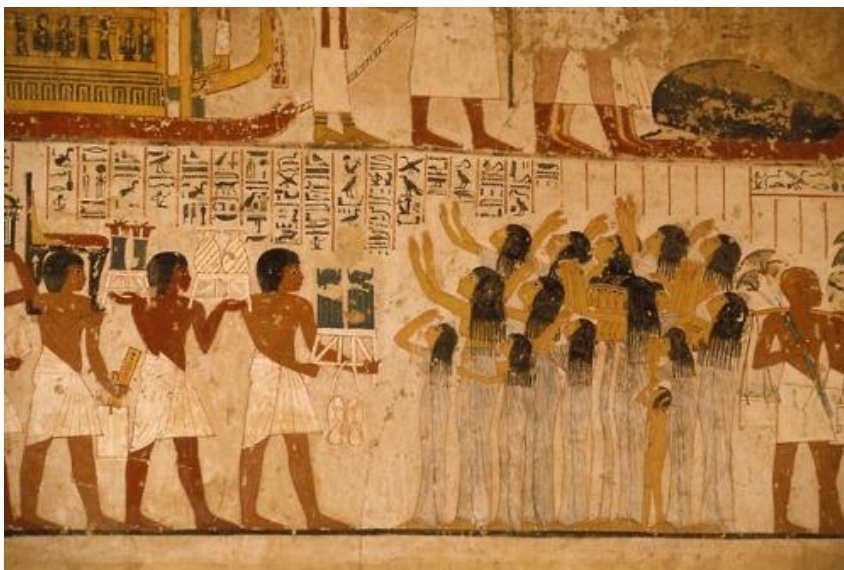
Aos amuletos eram reservadas as pedras semipreciosas, como turquesa, cornalina, malaquita e o lápis lazuli, este último considerado portador de alto valor simbólico por sua aparência semelhante ao céu, azul com manchas douradas (Wilkinson, 1994). O material apropriado potencializaria o poder mágico do amuleto (Wilkinson, 1994).

Segundo Wilkinson, a cor é o aspecto mais importante simbolicamente, pois conferia vida a representação (Wilkinson, 1994).

Homens e mulheres eram representados com peles de cores diferentes: os homens em tons de vermelho amarronzado, e as mulheres em tons de marrom claro ou amarelo (figura 11) (Robins, 1986 apud Chapot, 2015). Os estrangeiros também eram representados em cores

diferentes, e os mortos apareciam com as peles negras (Chapot, 2015).

Figura 11 - Homens e mulheres representados em cores diferentes



Cena de uma procissão fúnebre de Amosis representada na parede da Tumba de Amosis em Tebas. Fonte: Ancient Egypt, (2017).

A tabela a seguir apresenta as cores e sua representação no Egito Antigo.

Tabela 3 - Cores no antigo Egito

Vermelho	Associado ao sangue, fogo, deserto, forças caóticas e desordem, as figuras representadas em vermelho eram negativas e temidas, em contrapartida também era associada à vida, regeneração e ao sol (ROBINS, 1986 apud Chapot, 2015).
Azul	Era a cor do Amon-Ra, relacionado aos céus e as águas simbolizando a vida e o renascimento, por estar relacionado também ao rio Nilo, símbolo de fertilidade para os egípcios (ROBINS, 1986 apud Chapot, 2015).
Verde	Representa a vida em crescimento, saúde e vitalidade por estar diretamente ligada a vegetação, elementos verdes estavam ligados a coisas positivas (ROBINS, 1986 apud Chapot, 2015).
Amarelo	Era relacionado ao sol e a pele dos deuses. O branco era símbolo de purificação e também era utilizado relacionado ao sol (ROBINS, 1986 apud Chapot, 2015).
Preto	Era ligado ao Mundo Inferior, era a cor na noite e da morte, o preto também era relacionado ao solo do vale do Nilo, e por isso em alguns contextos simbolizava fertilidade (ROBINS, 1986 apud Chapot, 2015).

Fonte: Adaptado de Robins, (1996 apud Chapot, 2015).

Os números também eram um elemento simbólico, especialmente 2,3,4, 7 e seus múltiplos, e um mesmo número poderia apresentar significados diferentes de acordo com o contexto (Chapot, 2015).

O dois simbolizava dualidade e unidade, conceito muito presente no pensamento egípcio, onde “oposições complementares” levam a uma “síntese unitária” (Cardoso, 1999 apud Chapot, 2015). O três e seus múltiplos representam pluralidade, sendo muito presente nas famílias divinas, ou tríades como Isis, Osiris e Hórus, e Mut Amon e Khonsu (Chapot, 2015). O quatro simboliza totalidade, por estar relacionado aos quatro pontos cardeais, e à perfeição, muito utilizado nas representações (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015). O sete era relacionado à perfeição e efetividade, por ser a soma dos números três e quatro (Wilkinson, 1994). O nove representa os nove deuses que originaram o universo, assim como os “nove arcos”, inimigos do Egito (Chapot, 2015).

Palavras, ações e gestos

Os hieróglifos são a base da iconografia egípcia, considerados divinos e portadores de poderes mágicos. Aparecem de duas maneiras nos trabalhos artísticos: escrito nas representações (figura 12) ou de forma mais sutil, formado por pessoas, objetos ou gestos que compõem a

obra (Wilkinson, 1994).

Figura 12 - Hieróglifos confeccionados em faiança



Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. Fonte: The Met (1926b).

As ações retratadas também possuíam conotação simbólica, estas poderiam ser realizadas por homens, deuses ou animais (Chapot, 2015).

Os gestos presentes nas obras são carregados de simbolismo e podem ser classificados em: independentes, que não necessitem de outros gestos ou ações, ou sequenciais, que dependem de um conjunto de ações para existirem (figura 13) (Wilkinson, 1994).

Figura 13 - Representação onde os gestos aparecem de maneira sequencial



Local: Museu Britânico de Londres. Fonte: Ancient Egypt (2017).

Os gestos mais presentes na arte eram de submissão, proteção, dominação, adoração, invocação, oferta, lamentação e rejubilo (Wilkinson, 1994; Chapot, 2015).

O Escaravelho

Um dos animais mais representados é o escaravelho, vinculado ao deus Khepri, ao sol nascente e ao renascimento (Varela, 2014). Os escaravelhos eram muito utilizados em rituais funerários por estar ligado ao renascimento.

Estes amuletos possuíam coloração azul ou verde devido a esmaltes vítreos comumente utilizados. Segundo Varela (2014), também eram esculpidos em ametista, ágata, cornalina, feldspato, jaspe, lápis-lazúli, osso, marfim, basalto, calcário, xisto ou em faiança (pasta de quartzo com tonalidades azul, verde ou branco). Foram encontrados também peças em ouro, prata e bronze, porém raras (Araújo, 1993 apud Varela, 2014).

Ureus

O Ureus (adorno em forma de serpente) era uma figura sagrada muito presente em imagens que representavam o faraó e membros da realeza. A serpente de cabeça erguida representava para os egípcios o olho do deus sol Rá (Bakos, 2002). Quando utilizada na cabeça do faraó, representa a dualidade presente na natureza da coroa, que possuía o duplo poder do sol, a capacidade de gerar calor, e através dele a vida, ou causar a morte por meio de severas estiagens (Bakos, 2002).

Amuletos na joalheria egípcia

Diversos amuletos estavam presentes em colares, anéis, peitorais e outras peças da joalheria (Varela, 2014) e eram utilizados com a finalidade de oferecer proteção a quem os estivesse usando, como por exemplo fios com pendentes da deusa Tauret utilizadas para auxiliar no parto, ou pendentes em forma de peixe esculpido em uma pedra verde, utilizado para proteger crianças de afogamentos (Varela, 2014).

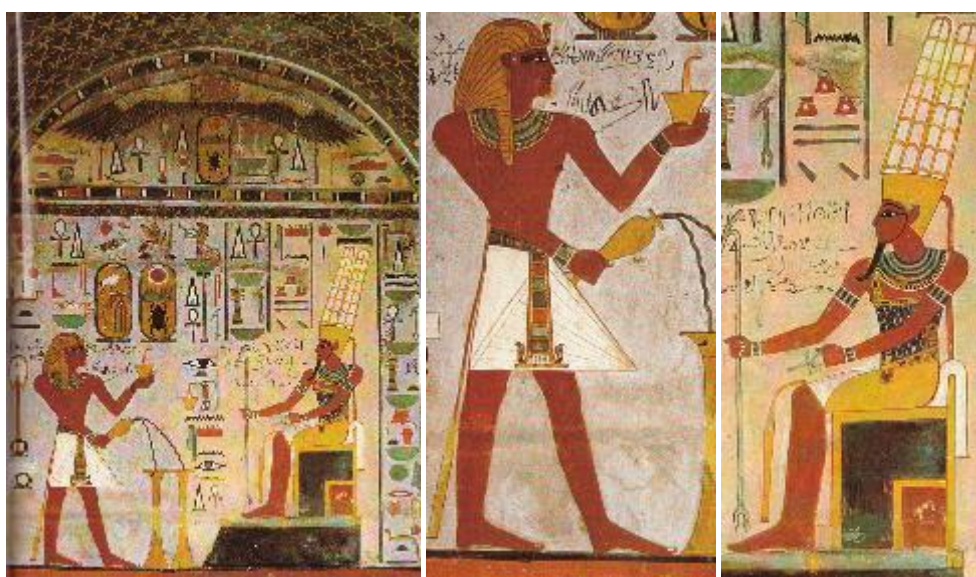
A joalheria egípcia teve seu ápice durante o Império Médio, onde pode-se observar diademas com pedras preciosas, pingentes, colares, peitorais e cintos de contas (Varela, 2014).

Símbolo de status, as joias eram utilizadas por indivíduos de posições mais elevadas na sociedade, mostrando não só a riqueza e poder de seu usuário, mas também conferindo-lhe características mágicas, como proteção (Varela, 2014).

6 Comparação entre Imagens

Na capela de Hathor, situada em Deir el-Bahri, encontra-se na parede do fundo mural (figura 14) com uma cena onde o faraó Tutmés III oferece incensos e libações ao deus Amon-Rá, sentado em um trono a direita (Tiradritti, 2000). É possível perceber que os indivíduos aparecem representados utilizando braceletes, colares e peitorais mais ornamentados. O faraó também utiliza ureu em sua fronte.

Figura 14 - Parede da Capela de Hathor reinado de Tutmés III



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

Na figura 15, à esquerda, Amenhotep II aparece com um dos pés à sua frente e os braços estendidos ao lado do corpo. Ao centro e à direita, o faraó aparece com um pé a frente, pisando sobre os nove arcos, figuras que representam os nove inimigos do Egito (Tiradritti, 2000). Aparece usando a coroa branca do Egito com um ureu na frente, e atrás do rei é possível ver a deusa Meretseger, representada por uma naja com o disco solar e chifres sobre a sua cabeça (Tiradritti, 2000). Em ambas representações, o faraó não utiliza qualquer joia, apenas ureu, elemento indispensável a realeza, e um cinto com o nome de seu trono inscrito (Tiradritti, 2000).

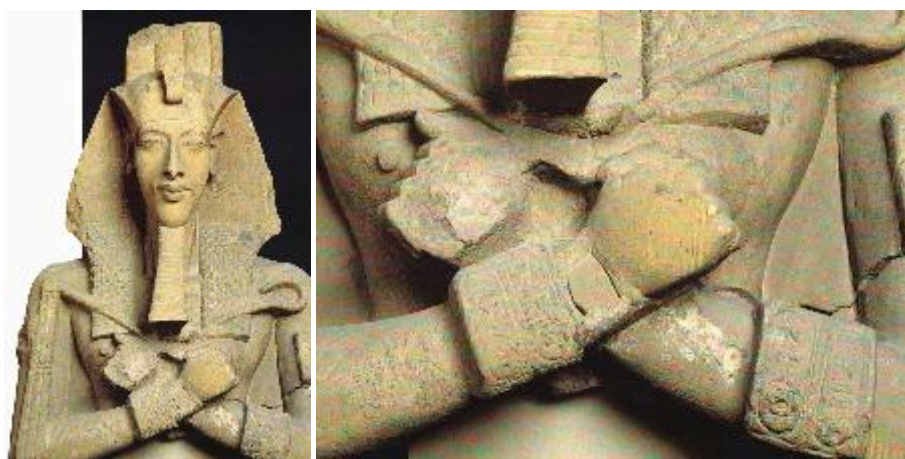
Figura 15 - Amenhotep II



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

A figura 16 corresponde a parte superior de uma das colossais estátuas de Akhenaton. Essas estátuas originalmente pertenciam ao templo de Gempaaten, construído ao leste de Karnak por Akhenaton durante a primeira fase de seu reinado (Tiradritti, 2000), e por isso possui características da arte canônica. É possível observar braceletes com inscrições.

Figura 16 - Estátua de Amenhotep IV (Akhenaton)



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

Na figura 17, Akhenaton, Nefertiti e uma de suas filhas prestam culto a Aton. A imagem possui características da arte amarniana, com os ventres mais proeminentes e coxas mais largas, sem joias, apenas adornos da coroa, como ureus.

Figura 17 - Akhenaton, Nefertiti e uma de suas filhas



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Costa (2017).

A figura 18 se trata de estátua encontrada na casa de um dos nobres que seguiu Akhenaton a Akhetaton (Tiradritti, 2000), e é possível perceber a ausência de joias no faraó, com exceção do orifício em que anteriormente deve ter sido preenchido com um ureu.

Figura 18 - Estátua de Akhenaton fazendo uma oferenda



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

Encontrada na antecâmara da tumba real de Tutankhamon, a estátua de Ká (figura 19) guardava a entrada da câmara funerária (Tiradritti, 2000). Em tamanho real, essa peça apresenta características com influência da arte amarniana, como ventre proeminente, pernas finas e orelhas furadas, apesar de ter sido produzida alguns anos após o período amarniano (Tiradritti, 2000). Nesta peça, o faraó usa um colar *usekh* dourado e um ornamento peitoral, além de braceletes.

Figura 19- Estátua de Ka



Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

A figura 20, representa o deus Khonsu com a face de Tutankhamon, e pode-se observar o uso de braceletes e colar de contas detalhado.

Figura 20 - Deus Khonsu com a face de Tutankhamon







Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte: Tiradritti (2000).

Com base nas imagens analisadas, percebe-se uma diferenciação na representação do uso de adornos corporais em diferentes períodos.

O uso de joias é muito retratado na arte egípcia, e é possível perceber uma diminuição de seu uso já durante o reinado de Amenhotep II. Na primeira fase do reinado de Akhenaton, estão presentes braceletes com inscrições, que parecem ter desaparecido das representações durante a segunda fase de seu reinado. Nesta fase, vemos faraó e sua família retratados sem uso de colares e braceletes.






Já durante o reinado de Tutankhamon, joias e adornos receberam grande atenção. Estátuas aparecem com braceletes ricamente detalhados, com cores chamativas. As tabelas a seguir apresentam um comparativo dos adornos para melhor visualização das diferenças encontradas.

Tabela 4. Tabela Comparativa da Joalheria Egípcia da 18ª Dinastia: **braceletes e pulseiras**

Antes de Akhenaton		<p>Par de braceletes simples de faiança, pertencente a Tutmés III.</p> <p>Material da peça: faiança.</p> <p>Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque</p> <p>Fonte da imagem: The Met (1936a)</p>
		<p>Esta pulseira de Amenhotep III, com contas de faiança, possui sete amuletos, também de faiança, utilizados muitas vezes para proteção. O maior amuleto no centro tem a forma de um crocodilo.</p> <p>Material da peça: faiança.</p> <p>Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque</p> <p>Fonte da imagem: The Met (1911d)</p>
Reinado de Akhenaton		<p>Pulseira simples, com contas de vidro amarelas, azuis turquesa, brancas e verdes.</p> <p>Material da peça: vidro.</p> <p>Local: <i>National Museums Liverpool</i></p> <p>Fonte da imagem: World Museum (1352 a.C.-1336 a.C.a)</p>
Após Akhenaton		<p>O tamanho deste bracelete de Tutankhamon sugere que tenha sido feito para ele quando ainda era criança (Van Raven, 2018). Possui um grande escaravelho incrustado de Lápis-lazúli; ao seu lado aparecem faixas estreitas com incrustações em ouro, turquesa, lápis-lazúli, quartzo e cornalina, com grânulos em ouro nas bordas (Van Raven, 2018). Ao lado da peça, existem ornamentos botânicos com uma fruta mandrágora e dois botões de papoula e margaridas (Van Raven, 2018).</p> <p>Materiais: Ouro, Lápis-lazúli, turquesa, quartzo e cornalina.</p> <p>Local: Museu Egípcio do Cairo.</p> <p>Fonte da imagem: Ferreira (2020)</p>

Fonte própria.

Tabela 5. Tabela Comparativa da Joalheria Egípcia da 18ª Dinastia: **colares**

Antes de Akhenaton		<p>Este é o escaravelho do coração de Hatnefer, do reinado de Tutmés II. Trata-se de um colar com um amuleto de escaravelho, muito utilizado em ritos funerários (The Met, 1936b). Essa peça apresenta uma corrente detalhada em ouro, um escaravelho esculpido em serpentinita. Na base do escaravelho aparecem inscrições de uma versão do capítulo 30A do Livro dos Mortos (The Met, 1936b).</p> <p>Materials da peça: serpentinita e ouro. Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1936b)</p>
		<p>Este colar possui diversos amuletos e placas ovais com inscrições em seu verso e representações, como as de um homem agachado, um gafanhoto, um rato, dois sapos e três peixes; dois possuem olhos castanhos, três tem a forma de búzios e cinco possuem forma de escaravelho (The Met, 1911a). Um dos escaravelhos possui em sua base o nome do trono de Tutmés III e dois ornamentos contêm o nome Nebmaatre, pertencente ao trono de Amenhotep III (The Met, 1911a).</p> <p>Materials da peça: Faiança e esteatita vidrada. Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1911a)</p>
Reinado de Akhenaton		<p>Esse colar feito em faiança é uma versão durável dos colares florais utilizados em banquetes, os colares de flores secavam rapidamente perdendo sua beleza, já esta versão era bem mais durável (The Met, 1940). Nesta peça, cada fileira de contas representa pétalas de uma flor, sendo pétalas de centáureas no centro; três fileiras de tâmaras no meio; e uma fileira de pétalas de lótus na parte exterior. Os terminais são adornados com pétalas de papoula e frutos de pera intercaladas (The Met, 1940).</p> <p>Material da peça: faiança. Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1940)</p>
Após Akhenaton		<p>O primeiro colar possui um pendente de falcão, ligado ao deus Hórus carregando um disco solar com um ureu.</p> <p>Materials da peça: Ouro, Lápis-lazúli, turquesa, quartzo e cornalina. Local: Museu Egípcio do Cairo. Fonte da imagem: Ferreira (2020)</p>
		<p>O segundo colar apresenta em todo o seu corpo elementos como o escaravelho e os ureus com discos solares, representados repetidamente.</p> <p>Materials da peça: ouro, lápis-lazúli, cornalina, feldspato verde e turquesa. Local: Museu Egípcio do Cairo Fonte da imagem: Tiradritti,(2000).</p>

Fonte própria.

Tabela 6. Tabela Comparativa da Joalheria Egípcia da 18ª Dinastia: **anéis**

Antes de Akhenaton		<p>Os dois primeiros anéis pertenceram a Tutmés III. O primeiro possui as inscrições "IsisWadjet, grande deusa mãe sobre todos os deuses".</p> <p>Material da peça: ouro Local: <i>National Museums Liverpool</i> Fonte da imagem: World Museum (1479 a.C.-1425 a.C. c)</p> <p>O segundo apresenta as duas faces do anel com escaravelho esculpido em esteatita, com detalhes em jaspe verde e asas de jaspe vermelha. Sua base emoldurada em fios de ouro trançado possui a representação da cabeça de Hathor, um ureu e a cartela de Tutmés III.</p> <p>Materiais da peça: ouro, esteatita e Jaspe Local: <i>National Museums Liverpool</i> Fonte da imagem: Fonte: World Museum (1479 a.C.-1425 a.C. d)</p>
		<p>O terceiro anel, de sinete giratório em ouro, de um lado, possui o nome de seu trono e significa: "o deus perfeito, filho de Amon, poderoso senhor"; do outro lado, a inscrição significa: "aquele que luta contra centenas de milhares, filho de Rá, Amenhotep, governante divino de Heliópolis". O anel foi provavelmente um presente dado a um dos oficiais de Amenhotep II.</p> <p>Material da peça: ouro Local: <i>National Museums Liverpool</i> Fonte da imagem: Fonte: World Museum (1427 a.C.-1400 a.C.)</p>
Reinado de Akhenaton		<p>Ambos pertencentes a Amenhotep III, o primeiro anel possui a inscrição "Nebmaatre", que era o nome do trono de Amenhotep III, e que pode ser traduzido como "Re é o senhor da verdade".</p> <p>Material da peça: mica e esmalte vítreo Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1911b)</p> <p>A base do escaravelho contém o nome do trono de Amenhotep III dentro da cartela à direita e inscrições dizendo que ele é o escolhido do deus Amon (The Met, 1911c).</p> <p>Material da peça: Mica e esmalte vítreo Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: Adaptado de The Met (1911c)</p>
		<p>O primeiro anel foi encontrado em Amarna com hieróglifos; as figuras provavelmente representam Akhenaton e Nefertiti, como deidades do ar (indicado pela pena) e Tefnut (umidade) (The Met, 1926a). O casal representa os pais da terra e do céu, indicados pelo hieróglifos da terra (abaixo) e pelo disco solar com duas cobras sagradas (acima) (The Met, 1926a).</p> <p>Material da peça: ouro Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1926a)</p> <p>O segundo anel tem a forma de wedjat, ou olho de hórus, símbolo utilizado para proteção.</p> <p>Material da peça: faiança Local: <i>National Museums Liverpool</i> Fonte da imagem: Fonte: World Museum (1352 a.C.-1336 a.C. b)</p> <p>O terceiro anel, em formato oval, é adornado com duas imagens do deus Bes, com sinais ankh ao lado. As imagens aparecem usando toucados e facas (World Museum, ca. 1882). A presença de imagens como essa ocorreram apenas durante o reinado de Amenhotep III e Akhenaton, levando a acreditar que a peça corresponda ao primeiro período do reinado de Akhenaton (World Museum, ca. 1882), antes da reforma religiosa.</p> <p>Material da peça: ouro Local: <i>National Museums Liverpool</i> Fonte do anel: Fonte: World Museum (1352 a.C.-1336 a.C.)</p>
Após Akhenaton		<p>Topo de anel com a representação de uma barca solar, encontrado no túmulo de Tutankhamon.</p> <p>Material da peça: ouro e faiança. Local: Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque Fonte da imagem: The Met (1922)</p>

Fonte própria.

É possível destacar duas diferenças marcantes entre as peças dos diferentes períodos.

A primeira delas refere-se às temáticas mais presentes nas peças. Durante o reinado de Akhenaton, as peças que possuem algum tipo de símbolo, principalmente as provenientes da segunda fase de seu reinado, apresentam predominância do escaravelho, relacionado ao sol na religião egípcia, ou elementos da natureza, como pétalas de flores, ou o disco solar. As peças com inscrições, como anéis de sinete e escaravelhos, apresentavam seu nome ou elementos que faziam referência a nova religião.

Nos outros períodos, incluindo peças que provavelmente sejam provenientes da primeira fase de seu reinado, são apresentadas outras temáticas, como amuletos e símbolos representando divindades ou fazendo referência a elementos e deuses da religião politeísta, indicando nomes de tronos e faraós dedicados a estas divindades.

Outra diferença relaciona-se à quantidade de detalhes e preocupação em relação a qualidade estética. As peças parecem ter passado por evolução na execução técnica, o que não parece ser consequência apenas de evolução temporal, considerando que existem joias egípcias muito mais antigas com qualidade semelhante às do tesouro de Tutankhamon.

Ao que parece, os faraós imediatamente anteriores a Akhenaton não teriam grande interesse em peças mais detalhadas. Durante seu reinado, esse interesse parece ter se dissipado, visto que as peças além de apresentarem menos elementos, considerando as temáticas que retratavam, também apresentam poucos detalhamentos. Muitas peças apresentam bom acabamento, porém com formas e por vezes até materiais mais simples.

7 CONCLUSÃO

As mudanças decorrentes do reinado de Akhenaton parecem ter sido influenciadas por seu pai, Amenhotep III, que já mostrava certo distanciamento do clero de Amon, tomando decisões que podem ter afastado seu filho da religião politeísta. Akhenaton parece ter dado continuidade às crenças do pai e ter tido coragem de impor uma nova religião, realizando uma reforma política religiosa, contrariando o clero, que àquela época acumulava cada vez mais poderes.

Algumas mudanças decorrentes dessa reforma foram os novos traços e a representação de novos temas, mais relacionados a natureza e ao deus Aton, assim como cenas mais íntimas da família real, mostrando momentos que antes não podiam ser retratados.

As joias, como relacionavam-se aos aspectos políticos e religiosos, sendo carregadas de simbologia, em sua maioria utilizadas para fins ritualísticos ou para proteção de seu usuário, sofreram drásticas mudanças durante o reinado de Akhenaton. As principais mudanças parecem ter ocorrido em relação a temática presentes nas peças, e seu detalhamento e qualidade estética. As peças da segunda fase do reinado de Akhenaton passam a apresentar somente elementos relacionados à Aton, ao disco solar, ou escaravelho, muito presente nas peças desse período, ou ainda a elementos da natureza, como a vegetação.

As peças com inscrições, como os anéis de sinete e escaravelhos, apresentavam o nome de Akhenaton, ou elementos referentes a nova religião ou à família real. Enquanto nos outros períodos, apresentam temáticas referentes a outras divindades e símbolos representando deuses da religião politeísta, e inscrições com o nome de tronos e faraós dedicados a outros deuses.

Outro detalhe percebido por meio da análise das representações é que em outros períodos a família real era retratada repleta de joias e ornamentos, e, durante a reforma amarniana, se observe o oposto.

É possível expor que durante o período da reforma religiosa, o interesse por ornamentos tenha diminuído, possivelmente por se tratar de religião mais universalista que a politeísta, voltada a elementos visíveis da natureza, como a fauna e a flora, e principalmente ao disco solar, com muito menos detalhamento que as divindades antes cultuadas do politeísmo egípcio.

Agradecimento

A UEM pelo aporte financeiro.

Referências

- Ancient Egypt and Archaeology Web Site (2017). 3 fotografias color. Disponível em: <https://goo.gl/ru69pZ> Acesso em: 27 mar. 2019.
- Asante, M.K., & Ismail, S. (2009). Akhenaten to Origen. Characteristics of Philosophical Thought in Ancient Africa. *Journal of Black Studies*, v. 40, n. 2, p. 296-309.
- Bakos, M. M. (2002). *A Egiptomania a serviço da Egiptologia*. In: Semana Nacional De Estudos Egiptológicos, 1. Palestra. Curitiba: Uniandrade 2003.
- BBC (2017). A revolução de Akenatón, o faraó que acabou com 2 mil deuses e instaurou o monoteísmo no Egito. 2 fotografias color. Disponível em: <https://goo.gl/5Ek6Gp>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- Bonho, J.S.A.B. (2012). *A arte Egípcia*. Disponível em: <https://goo.gl/7yvzxK> Acesso em: 10 abr. 2018.
- Boonstra, S. (2019). *Scarab and seal amulet production in the early Eighteenth Dynasty: An analysis of the materials, technology, and surface Characteristics to determine seal amulet workshops*. Tese de Doutorado. Classics, Ancient History and Archaeology, School of History and Cultures, College of Arts and Law, University of Birmingham, 2019.
- Chapot, G. (2015). *A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de akhenaton (1353-1335 a.C.)*. 578 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Centro de Estudos Gerais, UFF, Niterói, 2015. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1655.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- Costa, M. J. N. (2017). *Nefertiti e Akhenaton: o casal egípcio impossível de ser ignorado*. 1 fotografia color. Disponível em: <https://goo.gl/suaYye>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- Egyptian Museum Berlin (1912). Disponível em: www.egyptian-museum-berlin.com/c53.php#1 Acesso em 27 abr. 2021.
- Ferreira, L. (2020). *Vestuário, Cosméticos e Joias*. 2 fotografias color. 2020. Disponível em: <https://corta.ai/xKuT6> Acesso em: 03 maio 2021.
- Fronza, V. (2013). Ações restauradoras de Tutankhamon: a retomada de Tebas como principal centro religioso do Egito após a reforma amarniana. *Plêthos*, v. 3, n. 2.
- Hessler, P. (2019). *O faraó que revolucionou o Egito*. 1 fotografia color de Rena Effendi Disponível em: <https://goo.gl/dQQX4E>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- Jacq, C. (2002). *Nefertiti e Akhenaton: O casal solar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 238 p.
- Jacq, C (1999). *O egipto dos grandes faraós*. Lisboa: Asa Editores Li S.a., 249 p.
- Kitchen, K.A. (1991). The chronology of ancient Egypt. *World Archaeology*, v. 23, n. 2, p. 201-208.
- Lamb, V.M. (2008). *Arqueologia histórica egípcia do período de Amarna*. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC/ RS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2255/1/402761.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- Lopes, M.S. (2007). *Akhenaton, segundo Mahfouz*. My Est-West. 1 fotografia color. Disponível em: <https://goo.gl/agieXi> Acesso em: 16 abr. 2018.
- MFA – Museum of Fine Arts Boston (1964). *Relief of Akhenaten as a sphinx*. Collections Ancient Egypt, Nubia and the Near East. Disponível em: encurtador.com.br/opMUW Acesso em: 27 abr. 2021.
- Onvlee, I. (2013). Redating the Early 18th Dynasty. *Academia. edu*.
- Panne, V. V. (2013). *Nefertiti as sensual goddess*. 1 fotografias color. Disponível em: <https://goo.gl/QwuYRH>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- Pedrosa, J. (2009). *A simbologia na Joalheria Egípcia*. História da Joalheria. 1 fotografia color.

2009. Disponível em: <goo.gl/FAu4WW> Acesso em: 05 abr. 2018.
- Planeta de Agostini (2016). *Egitomania*. O fascinante mundo do antigo Egito. São Paulo: Editora Planeta de Agostini do Brasil, v. 9.
- Redford, Donald B. (1984). *Akhenaten*. The Heretic King. New Jersey: Princeton University Press.
- Sagredo, R. B. W. (2013). Entre A Egiptomania E A Egiptologia: Um Estudo Das Representações Do Faraó Akhenaton No Brasil. 69 f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/8uJ8QU>>. Acesso em: 08 nov. 2018.
- Sampaio, E. R. (2008). As divergências historiográficas sobre a reforma religiosa de Akhenaton. *Revista Múltipla*, Brasília, v. 19, n. 25, p. 9-26.
- The Met. (1911a). Metropolitan Museum of Art. Amulets and string of beads. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 colar de contas. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/551226> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1936a). Metropolitan Museum of Art. Armlet of Amenhotep. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 2 braceletes em faiança. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/548865> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1940). Metropolitan Museum of Art. Broad Collar. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 colar em faiança. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/549199> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1926a). Metropolitan Museum of Art. Finger Ring depicting King Akhenaten and Queen Nefertiti as Shu and Tefnut. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 anel em ouro. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544679> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1981). Metropolitan Museum of Art. Hand Clutching an Olive Branch. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 relevo em calcário. Disponível em: <https://goo.gl/QwcLq9> Acesso em: 20 mar. 2019.
- The Met. (1936b). Metropolitan Museum of Art. Heart Scarab of Hatnefer. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 colar em ouro. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/545146> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1926b). Metropolitan Museum of Art. Inlay, hieroglyph. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://goo.gl/ic3QVF> Acesso em: 27 mar. 2019.
- The Met. (1926c). Metropolitan Museum of Art. Inlay, hieroglyph. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 amuleto em faiança. Disponível em: <https://goo.gl/ShvBtt> Acesso em: 20 mar. 2019.
- The Met. (1911b). Metropolitan Museum of Art. Ring, Prenomen of Amenhotep III. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 anel em mica e esmalte vitreo. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/558980> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1911c). Metropolitan Museum of Art. Scarab Inscribed for Amenhotep III. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 escaravelho em mica e esmalte vitreo. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/551411> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1911d). Metropolitan Museum of Art. Seven Amulets on a String of Beads. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 cordão em faiança. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/551267> Acesso em: 06 ago. 2019.
- The Met. (1922). Metropolitan Museum of Art. Signet Ring with Tutankhamun's Throne Name. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/549200> Acesso em: 06 ago. 2019.
- Tiradritti, F. (2000). *Tesouros do Egito*: do Museu Egípcio do Cairo. Trad. Maria de Lourdes Giannini. Fotografias de Araldo de Luca. São Paulo: Manole.

- Varela, J.V. (2014). *Amuletos no Antigo Egito*. Seminário de história antiga. 26 f. Universidade de Lisboa.
- Wilkinson, R. H. (1994). *Symbol and Magic in Egyptian Art*. London: Thames and Hudson.
- World Museum. (1352 a.C.-1336 a.C. a.). National Museums Liverpool. Beads. (18ª Dinastia: Reino de Akhenaton). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 1 pulseira de contas de vidro de 120 mm x 4 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-295915.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.
- World Museum. (1479 a.C.-1425 a.C. b). National Museums Liverpool. Ear Ornament. (18ª Dinastia: Reino de Tutmés III). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 3 ornamentos de orelha de vidro de 23 mm x 14 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-295947.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.
- World Museum. (1352 a.C.-1336 a.C. b). National Museums Liverpool. Finger Ring. (18ª Dinastia: Reino de Akhenaton). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 1 anel de faiança de 21 mm x 10 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-295966.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.
- World Museum. (1479 a.C.-1425 a.C. c). National Museums Liverpool. Finger Ring. (18ª Dinastia: Reino de Tutmés III). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 1 anel de ouro de 16 mm x 20 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-296234.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.
- World Museum. (1479 a.C.-1425 a.C. d). National Museums Liverpool. Scarab Seal Finger Ring. (18ª Dinastia: Reino de Tutmés III). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 1 anel de ouro, esteatita e jaspe de 15 mm x 10 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-296235.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.
- World Museum. (1427 a.C.-1400 a.C.). National Museums Liverpool. Signet Ring of Amenhotep II. (18ª Dinastia: Reino de Amenhotep II). Parte da Coleção do Antigo Egito. Galeria do Antigo Egito, Nível 3, World Museum , Liverpool. 1 sinete de ouro 33 mm x 30 mm x 6 mm. Disponível em: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/collections/antiquities/ancient-egypt/item-295221.aspx> Acesso em: 22 ago. 2019.